



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1491

USOS DIDÁTICOS DE DOCUMENTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Vivian Fernandes Carvalho de Almeida

Veroni Friedrich

Priscilla Campiolo Manesco Paixão

Murilo Sanchez Zulato

(GAPDH - Grupo de apoio à pesquisa e docência em História / UNICESUMAR)

Resumo. A utilização de documentos como materiais didáticos tem sido defendida a pouco tempo, mas justifica-se por vários motivos. Quando bem utilizados são instrumentos pedagógicos inigualáveis, por tornarem possível a proximidade do aluno com situações concretas que ocorreram no passado. Além disso, eles podem favorecer no desenvolvimento do intelecto dos alunos, ao exigirem mais que a simples assimilação de conteúdos propostos pelos livros didáticos. Podemos destacar também, o aumento da atratividade de nossas aulas, uma vez que não podemos ignorar a dificuldade que os alunos têm de se concentrar. Contudo, o professor necessita de um conhecimento significativo para utilizar os possíveis recursos documentais como materiais didáticos e não apenas como meros atrativos. Nesse sentido, este trabalho apresentará uma discussão sobre as premissas básicas para o ensino de História no ambiente escolar, de forma a sublinhar a importância do uso dos documentos históricos em sala de aula, uma vez que não há ensino de História sem a problematização dos mesmos. Como o trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica, gostaríamos de destacar alguns autores utilizados como: Cierce Bittencourt, Fernando Becker, Jörn Rüsen e Alberto Marson. Em síntese, acreditamos que os documentos devidamente explorados, enriquecem as aulas de História e contribuem para que o discente faça sua análise (diferenciações/abstrações) permitindo-lhe interpretar as distintas temporalidades as quais estamos inseridos.

Palavras-chave: Documentos; História; Prática de ensino.

1. INTRODUÇÃO

Muitos historiadores já escreveram sobre a construção do Conhecimento Histórico e boa parte deles concordam que esse não é um tema fácil de ser discutido. Edward Thompson, por exemplo, chegou a afirmar que os historiadores nunca foram dados à discussão teórica (THOMPSON, 1981), mas apesar de ainda hoje essa não ser uma tarefa fácil, podemos afirmar veementemente que nunca foi tão necessária, tanto para os pesquisadores como para os professores. Para ensinar História é necessário entendermos como é construído o Conhecimento Histórico, e percebermos, assim, que nem todo relato factual pode ser considerado como parte desse conhecimento.

Como profissionais do ensino, temos que lidar e, por vezes, competir com uma imensa quantidade de informações oferecidas pelas atuais tecnologias. Apesar do fato de que *informação e recursos tecnológicos* não significam *conhecimento*, esse é um entendimento razoavelmente comum entre os educandos. No tocante à disciplina de História, essa se depara com obstáculos ainda maiores, pois mesmo quando captamos a atenção dos alunos mediante o uso das tecnologias, não é incomum colhermos resultados não muito relevantes para os propósitos do ensino da História.

Neste sentido não é incomum indagações do tipo: *Qual o nome completo de D. Pedro II? Quantos metros têm as pirâmides egípcias? Enfim, curiosidades que a exemplo dessas não trazem contribuições significativas no processo de aprender sobre a História*¹.

Não bastasse o desconforto causado por vermos educandos cujo interesse não vai muito além da obtenção de informações não tão relevantes, ainda temos outro inconveniente. Agora falamos dos questionamentos ou menosprezos advindos dos educandos para com as aulas de História. Como

¹ Datas e fatos são sim importantes para a História. Entretanto, na condição de professores de História, nós não podemos ficar satisfeitos quando o conhecimento das datas não se faz acompanhar da compreensão dos processos históricos. Lembremo-nos que datas são como as pontas de um iceberg. Elas, por si só, não nos permitem compreender a História.

professores, não raramente, ouvimos de nossos alunos perguntas do tipo: “Por que temos que aprender algo que aconteceu no passado?” ou “Qual a importância disso para minha vida?”. Alguns ainda dizem: “Por que estudar sobre mortos?” E assim vai!

O quadro bem nos lembra do descontentamento expresso pelo historiador Eric Hobsbawn (1997-2012). Falando sobre a ausência de compreensão da sociedade atual sobre os fins da história, ele assim disse:

Eu sou obsessivo com certos temas. Chego a ser chato. Um desses temas é o sentimento de completo distanciamento em relação à história que domina a sociedade. A noção de passado só alcança, na maioria das vezes, o passado imediato do indivíduo; isso quando não abrange apenas os últimos anos de sua própria vida. Percebo isso constantemente em conversas com amigos e alunos, o que sempre me enche de apreensão e espanto. E tristeza, devo acrescentar. A estupidificação acarretada por esse fenômeno é vista de maneira clara por todo o tecido social. Vivemos um tempo de homogeneização de pensamento, de falta de crítica em relação ao presente acarretado, em grande parte, pelo desconhecimento absoluto das condições. Não existe liame. Não são feitas as ligações mentais entre os pontos A e B até C. Parece que as coisas são como são: uma situação dada e já determinada, sem que se encontrem forças pra mudar”.²

Compartilhamos dos incômodos de Hobsbawn. E igualmente nos juntamos aos pesquisadores que têm voltado seus olhares para as causas do desinteresse hoje existente em relação ao ensino de História. Vale dizer que os mesmos entendem que tal problemática precisa e pode ser enfrentada. Para o historiador Leandro Karnall (2004) isso demanda que os docentes em história tenham em mente uma constante pergunta, no caso: História, para quê?

Para Karnall (2004), uma vez que essa pergunta seja respondida pelos professores, ou uma vez que consigamos construir uma função para o ensino de História, então, é mais fácil elaborar junto ao educando uma finalidade para as aulas dessa disciplina.

Foi também pensando nessa realidade não satisfatória e na necessidade de qualificarmos o ensino de História que construímos esse texto. Assim, a presente narrativa visa o esclarecimento de uma questão vital de ser

² Entrevista do historiador Eric Hobsbawn. Disponível em: <http://opiniaocentral.wordpress.com/tag/socialismo/>

compreendida para um bom ensino de História, a saber: o papel da Teoria e da Metodologia no uso dos documentos no ensino de História.

Entendemos que uma boa compreensão pelo docente dessa questão é fundamental para que ele consiga entender as especificidades do conhecimento histórico, mais do que isso, para que possa levar os seus educandos à compreensão de que a disciplina História é válida em função da adoção de referenciais teóricos e metodológicos sobre os documentos, os quais são os vestígios da humanidade. Uma humanidade que somente a História e seu ensino pode trazer à tona. Humanidade essa cujo conhecimento é vital para que possamos sair desse estado de alienação diante do mundo e compreendermo-nos enquanto sujeitos históricos.

2. ANÁLISE DE DOCUMENTOS: HISTORIADORES E PROFESSORES

Para a construção do conhecimento histórico a teoria exerce um papel fundamental no direcionamento metodológico, impedindo a ideologização da explicação histórica (ZANIRATO, 2011). Neste sentido, o conhecimento histórico só pode ser reconhecido como tal se referenciado nas teorias e metodologias, pois são fundamentais na qualidade da pesquisa ao possibilitarem a compreensão dos documentos referentes ao passado. Bem como, impedem que a liberdade interpretativa do historiador oriente o texto e seus resultados, garantindo com isso, uma maior credibilidade às produções historiográficas. Cuidados que tornam a História uma ciência.

Para o historiador os documentos ou fontes são a matéria-prima de seu ofício. O historiador, ao se debruçar sobre uma fonte, já possui conhecimento histórico sobre o período ao qual o documento pertence, ou se refere, bem como domina conceitos, teorias e métodos para a análise do mesmo. Situação contrária ao da sala de aula, onde o aluno não tem domínio de nenhuma destas categorias.

Nesse sentido o professor precisa se precaver, tendo o cuidado de transformar o “documento” em material didático. Deste modo as fontes históricas serão utilizadas de uma maneira diferente, com objetivos diferentes.

Como já asseveramos, nossos alunos estão ali para aprender História e não para produzi-la. É necessário que levemos em consideração o nível de escolarização dos alunos, para que possam acompanhar e assimilar o que está sendo proposto.

Atentando a essas especificidades o documento pode ser utilizado de várias formas, apenas como ilustração ou meio de reforçar uma ideia expressa em sala de aula, explicar uma situação histórica, ou introduzir o tema de estudo, assumindo a condição de situação-problema, levando o aluno a identificar o objeto de estudo ou o conteúdo a ser pesquisado.

Assim como nas mãos do historiador, a fonte pode oferecer muitas repostas e ser utilizada de várias maneiras, para o professor ela, também, pode ser versátil e complementar os conteúdos didáticos. Um dos desafios do professor em sala é ter critérios quando for selecioná-los.

Entre os cuidados na escolha para a utilização didática podemos citar a atratividade, o vocabulário, o conteúdo acessível à faixa etária, a extensão primando pelo tempo da aula. Ou seja, levar em consideração a capacidade intelectual dos alunos bem como o que é apropriado para eles. Tomando esses cuidados podemos utilizá-los desde as séries iniciais do ensino básico. Inclusive Bittencourt explica que:

[...] a escolha deles, em qualquer situação ou nível escolar, deve favorecer o domínio de conceitos históricos e auxiliar na formulação da generalização, ou seja, de um acontecimento particular (como o texto da Lei Aurea de 13 de maio de 1888) para o geral (o processo de abolição da escravidão) (BITTENCOURT, 2004, p. 331)

Para que o uso dos documentos seja significativo como material didático, convém que eles facilitem a compreensão e tornem sua aula mais interessante, além disso, é uma forma de demonstrar ao aluno que esses registros do passado são variados e estão em toda parte.

3. USOS DIDÁTICOS DE DOCUMENTOS

3.1 Métodos de análise de documentos

Iniciamos chamando a atenção para a importância do professor ter conhecimento sobre como o documento é utilizado na investigação do historiador, para poder utilizar ou mesmo adaptar estes procedimentos de análise como procedimento pedagógico. Adalberto Marson (1984) propõe que para que se faça uma análise do documento é necessário realizar uma série de indagações ao mesmo. Primeiro é importante entender sobre sua **existência**, e para isso precisa-se entender o que vem a ser documento? O que ele é capaz de dizer? Por que ele existe ou mesmo quem o fez? Quais eram as circunstâncias e qual a finalidade de sua produção?

Segundo o tratando como **objeto** de uma ação, explorando questões que respondam sobre o que ele significa como simples objeto? Como e por quem foi produzido? Se foi produzido para algum motivo ou para alguém? Qual sua relação no universo da sua produção? Qual o caráter necessário que comandou sua existência? Por último seu significado como **sujeito**: Por quem o documento fala? De que história particular ele participou? Que ação e pensamento estão implícitos nele? O que o fez perdurar como depósito da memória? Ele contém algum ato de poder e em que este poder consiste? (MARSON, 1984).

Outro cuidado importante é quanto à sua linguagem, pois eles não foram produzidos com fins didáticos e apresentam diversas formas de comunicação, portanto, devem ser interpretados respeitando o objetivo de sua produção. O que queremos dizer é que um documento jurídico tem um objetivo muito diferente de uma música ou poema. Informações que não podem ser ignoradas durante a interpretação dos mesmos.

Os documentos são muito variados, podemos dividi-los em três grupos: os escritos; os materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções, etc...) e os visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficos, musicais). Independente de qual tipo será utilizado como material didático, a análise deve articular os métodos do historiador aos métodos pedagógicos. Contudo, cada categoria documental tem características específicas e exigem métodos de análise apropriados.

O uso do documento durante as aulas de História deve contribuir com o desenvolvimento do pensamento histórico dos nossos educandos. Demonstrando ao mesmo tempo, como é produzido esse conhecimento. Através desse exercício, esperamos que consigam assimilar melhor como é construído o conhecimento histórico e percebam que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e principalmente que precisam ser preservados como patrimônio da sociedade (BITTENCOURT, 2004).

A partir de agora vamos apresentar considerações sobre algumas categorias documentais, juntamente aos procedimentos teóricos metodológicos dos historiadores e como elas podem ser úteis no trato dos documentos nas aulas de História. Como há uma infinidade de fontes, nosso objetivo não é dar conta de todos os documentos que podem ser utilizadas como material didático, mas lhe oferecer condições de refletir sobre a possibilidade dessa adaptação.

a) Literatura como documento interdisciplinar

Ao se pensar em literatura como material didático, é comum vir à mente primeiramente as aulas de Língua Portuguesa. Mas a História também está intimamente ligada às obras literárias, sendo definida como expressão do autor sobre sua sociedade e sua época.

Como nossa área nos proporciona um conhecimento amplo de características e costumes das sociedades pretéritas, pode ser fácil nos deliciarmos lendo livros de época, buscando identificar características culturais implícitas nas obras literárias. Ao ler *Orgulho e Preconceito* de Jane Austin (escritora britânica, 1775-1817), podemos identificar nas primeiras páginas a importância do casamento no início do século XIX. Machado de Assis com o seu clássico conto *O Alienista*, expõe maravilhosamente as discussões em torno da medicina mental, desenvolvida no século XIX, além de tratar com ironia singular os exageros do saber dos “doutores”. Nesse sentido a História pode facilmente contribuir com a disciplina Literatura ou mesmo com a Língua

Portuguesa, realizando exploração sobre o contexto histórico abordado pelas obras.

Mas as obras literárias, se escolhidas com o devido cuidado, podem proporcionar que trabalhem com outras disciplinas como a Geografia, por exemplo. Bittencourt faz referência ao livro *Bom dia para os defuntos*, do autor latino americano Manoel Scorza (1928-1983). Essa obra expõe a luta e os confrontos entre os camponeses e os proprietários de uma empresa multinacional no altiplano andino. Outras obras podem ser pensadas, como *Vidas secas de Graciliano Ramos, por exemplo*.

Enfim, independente do tema que for priorizar a utilização dos textos literários, além de incentivar a leitura, também contribuirá para uma análise mais profunda dos conteúdos.

b) Imprensa escrita nas aulas de História

Ao utilizarmos jornais como material didático, é fundamental que primeiramente façamos uma reflexão com os alunos sobre o discurso que encontraremos no mesmo. Uma vez que os jornais são mercadorias seu discurso jamais é neutro ou imparcial. Por outro lado, devemos ressaltar a importância desse meio de comunicação como fundamental para a sociedade e informa-los sobre sua representação cultural.

Assim, jornais devem ser sempre analisados com cuidado interpretativo, buscando realizar uma análise crítica sobre os limites do texto e os interesses implícitos nele.

c) Documentos não escritos na sala de aula: imagens

Ao nos referirmos à concepção de documentos para a História, lembramos que ela abarca uma variedade de marcas e registros produzidos pelas diversas sociedades ao longo da História da Humanidade. Entre essas marcas,

materiais portadores de informações sobre costumes, técnicas, ritos, crenças, enfim, ricas informações sobre a humanidade.

Percebemos facilmente que imagens e gravuras são utilizadas com bastante frequência nos livros didáticos, inclusive a utilização deste tipo de complemento pedagógico tem aumentado significativamente com a produção de “imagens tecnológicas” proveniente de máquinas ou aparelhos eletrônicos, constituídas de filmes e fotografias, além disso, a internet oferece uma infinidade desse material, oferecendo um fácil acesso as mesmas.

A questão posta aqui é que apesar de não termos problemas com o acesso a esse material, temos que como professores, entender o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se mantenha apenas como ilustração durante nossas aulas. Como esse material raramente é produzido com fins didáticos, novamente se faz necessário que nos apropriemos dos métodos de análise dos historiadores e o associemos ou adaptemos à necessidade do ensino de História.

Os historiadores que mais se interessam por este tipo de documento, são os especialistas em História Contemporânea, sendo utilizadas como fontes para o conhecimento das sociedades contemporâneas. Elias Saliba (1993) chama a atenção para o fenômeno histórico que os historiadores tem se deparado, pois a sociedade contemporânea tem transformado os acontecimentos em imagens o que reduz a importância dada à compreensão dos fatos.

Essa situação tem levado os historiadores a priorizarem uma abordagem crítica das imagens, buscando o resgate da importância de se associar a recepção à produção do material. O ideal, então é que ao trabalhar com o universo iconográfico estabeleçamos relações com outras fontes, informações que apresentem leituras diferentes de uma mesma gravura.

O bom sobre este tipo de material é que pesquisadores do campo educacional já perceberam a importância do material dentro da sala de aula. Muito em breve teremos amparo metodológico voltado especificamente para a área docente.

d) Cinema

A utilização de filmes como fonte historiográfica é bastante recente, somente a partir dos anos de 1980 as obras cinematográficas passaram a ser utilizadas como fonte histórica. Os estudos da área se concentram em três aspectos fundamentais para a análise dos filmes. Os elementos que compõem o conteúdo, como roteiro, direção, fotografia, música e atuação de atores; o contexto social e político de produção, incluindo a censura e a própria indústria do cinema; a recepção do filme e a recepção da audiência, considerando a influência da crítica e a reação do público segundo idade, sexo, classe e universo de preocupações (KORNIS, 1992).

A partir desses aspectos, podemos concluir que introduzir filmes em sala de aula não pode ser baseado apenas na ideia de que o filme deve estar relacionado ao tema que está sendo estudado em sala, a escolha desse material deve ultrapassar os limites oferecidos pelo tema.

Assim o primeiro passo na escolha do filme é considerar a preferência dos alunos, para isso busque identificar não apenas os filmes que eles geralmente assistem, mas, também, como os escolhem e quais os atraem. Levando-os a refletir sobre isso. Esse momento de reflexão deve ser utilizado para levá-los a questionar e até duvidar sobre as informações cinematográficas que captam (BITTENCOURT, 2004).

A mesma importância tem a discussão sobre as características dos filmes, como por exemplo, discutir sobre o que é um filme, como são produzidos, quem trabalha neles, e até quanto custa para fazê-los. Essa última observação, serve inclusive para que reflitam sobre a expectativa que os filmes causam em seus investidores e para que possam são percebidos como mercadoria.

A análise pode inclusive estar seguindo os procedimentos metodológicos dos especialistas, que citamos acima, levando em conta sua leitura interna, ou seja, conteúdo, personagens, acontecimentos principais, cenário, período em que ocorreu a história e muito mais. Outras informações pertinentes estão relacionadas à produção do filme como, diretor, produtor, música, tipos

técnicos empregados, entre outros. Em seguida, pode analisar seu contexto externo como ano, país, etc..

Ao ter esses cuidados, a escolha do filme será melhor encaminhada, e, melhor recebida, pelos alunos. Importante, também, é fazê-los compreender que a utilização dos filmes não será simplesmente para “matar aula” com uma “cessão de cinema” simplesmente ilustrativa. Mas uma forma diferente de se entender esse importante ramo artístico e cultural da atualidade, bem como um jeito diferente de aprender História.

Por último, mas não menos importante, é que não precisamos passar filmes inteiros para alcançar um bom trabalho. Na verdade quando temos a oportunidade de preparar aulas mesclando cenas de filmes diferentes, reforçando o conteúdo explorado, pode ser até mais interessante aos alunos, pois apresentará uma dinâmica diferenciada.

Enfim, todas essas são formas de enriquecer nossas aulas e o conhecimento de nossos alunos, basta ter um pouco de determinação para priorizar esses documentos, tão enriquecedores, como material didático.

4. Considerações

Priorizamos neste trabalho uma narrativa sobre a importância da teoria e metodologia da pesquisa historiográfica como imprescindíveis na adoção de uma prática de ensino que contemple o uso de fontes históricas. Esperamos ter contribuído para o esclarecimento acerca das especificidades do conhecimento histórico e, mais do que isso, para que os professores possam levar os seus educandos à compreensão de que a disciplina História é válida em função da adoção desses referenciais, pois, apesar da disciplina buscar entender as transformações das ações humanas estudando os fatos do passado, isso não significa que não olhemos para o presente, mas exatamente o contrário. Afinal, são as novas interpretações que fazemos do passado que tornam esta disciplina tão importante e atual.

Nesse sentido, é fundamental que nossos alunos percebam que os fatos históricos, também acontecem hoje e agora e que eles podem ser percebidos em todos os lugares cotidianamente.

Assim, acreditamos que a partir do momento que nossos alunos perceberem que a História vai além do conteúdo que está no livro didático, darão pequenos passos na direção de um pensamento crítico, reconhecerão os interesses das notícias jornalísticas, as interferências sociais da promulgação de leis ou os valores culturais de obras literárias. Verão então que “tudo” faz parte da História e passarão a ver a “floresta” ao invés de se perderem em uma multidão de “árvores” (RÜSEN, 2001).

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez: 2004.

KARNAL, Leandro. A História Moderna e a sala de aula. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KORNIS, Mônica A. História e cinema: um debate metodológico. Estudos históricos: teoria e História. Rio de Janeiro: FGV, nº 10, p. 246-247, 1992.

MARSON, Adalberto. **Reflexões sobre o procedimento histórico**. In: SILVA, Marcos (Org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero: Anphu, 1984.

SALIBA, Elias T. A produção do conhecimento Histórico e suas relações com a narrativa fílmica. In: FALCÃO, Antônio Rebolças; BRUZZO, Cristina (Org.). *Coletânea lições com o cinema*. São Paulo: FDE, 1993. 1. V.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria*. São Paulo: Zahar, 1981.

ZANIRATO, Sílvia Helena. **Teorias da História I**. Maringá: Eduem, 2011.